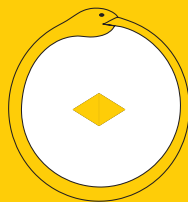
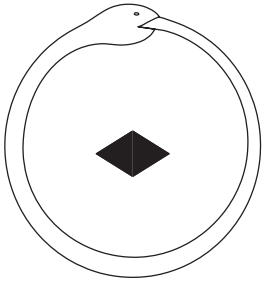




A VIDA É SELVAGEM  
Ailton Krenak



cadernos  
SELVAGEM



## A VIDA É SELVAGEM

Ailton Krenak

### NAVE

*Perto do Coração Selvagem.* É como querer ficar perto do Sol e saber que lá dentro é quente e maravilhoso. Perto do coração selvagem é perto do Sol. É dentro desse átomo.

Diferente de uma apreciação moral entre civilizado e selvagem, tenho observado o selvagem como vida. A expressão da vida é selvagem. No entendimento de Emanuele Coccia, a vida é uma metamorfose, não tem esse parâmetro especista humano. A vida não busca nossa espécie, ela atravessa nossa espécie. É por isso que uma árvore já foi pedra e um rio já foi nuvem. É tão maravilhoso, você olha uma nuvem e vê um rio. Isso é uma experiência de evolução, mas não no sentido careta que foi pensado no século XX, como sendo algo que acontece fora de nós. Uma evolução prisioneira dessas duas linhas: cultura e natureza. Quando Coccia consegue escapar dessa dicotomia, transcende para uma cosmovisão, uma poética da vida, onde chega a dizer que nosso DNA é uma mistura de tudo que já existiu antes de nós. Isso nos põe na origem na vida, em uma outra perspectiva de transformação, que nos liga ao mitológico. Isso é algo que o Lévi Strauss foi buscar há algum tempo atrás, mas que os naturalistas já faziam.

É claro que para um naturalista do século XVII, selvagem não era o oposto de civilizado. Selvagem era aquela verdade natural da vida que eles buscavam. De onde é que veio tanta profusão de vida? Se virando para existir nas montanhas, no Everest, no Himalaia, nos desertos africanos, nos Andes. Eles procuravam a fonte da vida, a piração deles era ir atrás de onde está a vida. É muito interessante, pois é uma experiência humana infantil buscar a origem da vida, quando na verdade é ela quem fala através da gente. O Drummond, naquele poema maravilhoso “O homem e suas viagens” diz que o homem chateado aqui na Terra, pois era um lugar sem graça, sem diversão, decide ir para o espaço caçar coisas nos cosmos. É a mesma coisa que os naturalistas faziam.

Eles estavam caçando vida. O poeta diz que a grande viagem que o humano tem que fazer é a de si para si. E isso não é uma mensagem mística. Ele não está sugerindo que há uma transcendência espiritual que o homem deve buscar em algum lugar. O que ele está dizendo é o seguinte: nós já somos a vida. Não precisamos procurá-la em lugar nenhum. Acho isso tão maravilhoso pois nos dá confiança, uma firme confiança de que a vida é maior que qualquer observação que possamos produzir, inclusive a ciência.

Acho muito bacana a função que a ciência vem assumindo nesses tempos de negacionismo, de terra plana. Ela vem gentilmente mostrando evidências de que a vida já existia muito antes da captura das interpretações humanas. A vida já estava instalada aqui há bilhões de anos. Pegamos o trem em uma estação remota, longe do começo de tudo. Estamos andando de carona nesse trem. Essa é uma ideia meio caricata, mas esse mundo que estamos habitando é maior do que nós.

Estamos criando uma confusão, sujando as praias, jogando petróleo para todo lado, furando o teto do céu, como diz Kopenawa Yanomami. Ele diz que os *napos*, os brancos, estão esquentando demais o corpo da Terra e isso está furando o peito de *Hutukara*, o céu. Mas não é esse céu das nuvens. É como diz a canção “Maracatu Atômico”: “[...] atrás desse céu tem outro céu, outro céu”.

Lá naquele outro céu, o peito dele está sofrendo uma queimadura. Foi uma observação anterior à ECO-92, quando finalmente os cientistas disseram “nós estamos fazendo um buraco no céu”. Os xamãs já falavam que tinha o perigo de acontecer esse machucado no céu. Essa sensibilidade do xamã de entender que o céu também sente, é maravilhosa pois o que eles estão dizendo é que a vida está em todo lugar, a vida está até no céu também. Nem o céu escapa da vida.

Tem gente louca para ir buscar vida no céu, mas a vida já está aqui, já está lá, está em todo lugar. Essa meditação em entender que a vida está em todo lugar, é maravilhosa pois te dá a potência de atravessar, assim como a vida, esses períodos todos: períodos da história, períodos geológicos.

Nossos parentes do Alto Rio Negro – os povos das águas pretas, como diz Berta Ribeiro –, os Tukano, Desana, Baniwa, toda essa constelação

de povos têm uma narrativa da transformação do corpo que carregamos agora como humano em outras formas, em outras experiências, tipo peixe, água. Olhe só como a vida contagia com memórias, ela veicula memórias ancestrais. Ancestral não é só o antropomorfo. Quando penso em ancestralidade, não estou pensando em um monte de gente parecida comigo. Estou pensando em seres inimagináveis, selvagens.

Esse é o entendimento de selvagem. Não é aquela coisa culturalista, controlada, referenciada no pensamento grego. É claro que quando Platão e seus colegas passeavam em Atenas, podiam olhar o mundo ao redor e dizer: o mundo é selvagem. Eles não deixariam de estar falando uma verdade. Eles também são selvagens. Nós e os gregos.

Quando nós escolhemos chamar de Selvagem o ciclo de estudos que iniciamos há 3 anos, havia uma discussão sobre transversalidade e transculturalidade, desejos insinuados de sair de uma linha delimitada do campo da ciência e pensar sem corrimão. A gente decidiu pensar sem corrimão e foi muito bom. Algumas pessoas acharam uma provocação quando chamamos Emanuele Coccia, Antonio Nobre e outros pensadores contemporâneos mais ativos para um ciclo Selvagem, mas não tem problema que seja uma provocação pois é uma provocação criativa que desestabiliza o lugar do cientista.

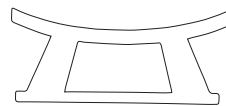
A vida nos atravessa a todos e ela é selvagem. Estamos devolvendo sentido para o maravilhamento da vida, como o paraquedas colorido, que é um dispositivo para expandir a mente, a subjetividade.

Aldous Huxley falava das portas da percepção. Nesse tempo de pandemia que a gente está confinado olhando de janelinhas virtuais, tenho pensado muito sobre a ideia das janelas como um esforço de vazar do lugar contido, do recinto fechado. A janela também pode ser percebida como nossos próprios olhos. É com eles que enxergamos a vida ao nosso redor. Depois experimentamos outras sensibilidades, como o tato, mas a primeira visada do mundo é dessa janela ocular.

Krishnamurti e outros mestres da Índia, dizem que um grão de areia tem o universo todinho lá dentro. Essa perspectiva ajuda os humanos a acalmar um pouco o pensamento e o coração, e a entender que não precisamos fazer uma expedição ao cosmos. Não precisamos lançar foguetes ao céu. Podemos buscar por essas paisagens cósmicas que tanto

ansiamos nos microorganismos que estão em nosso próprio corpo e ao nosso redor. Elas estão aqui. A vida está em tudo e essas paisagens cósmicas estão aqui pois estão em uma célula. Aquelas especulações sobre “Ah, mas será que a vida teve origem aqui na Terra?” É uma questão do especismo. É a típica questão que só poderia ter sido colocada por um humano. Nenhum outro ser põe esse tipo de questão porque eles estão no fluxo da existência de uma maneira tão plena, que é só produção de vida.. Tenho dito às pessoas: “Olha, você não precisa sair do planeta para isso. Pode fazer aqui mesmo. Experimentar esse contentamento com a vida”.

A série de encontros do Selvagem, que fizemos presencialmente em 2018 e 2019, me ajudaram muito a pôr o pé no chão, a sentar feito os *kumus*. Eles chegam, põe seus banquinhos no chão e sentam-se bem instalados. Juntos, o corpo do xamã e o banquinho, viram nave.



Estamos passando por um período que tem trazido muitos prejuízos à nossa sensibilidade. Não podemos mais sair por aí mexendo, abraçando, brincando com as outras pessoas, o que afeta profundamente o nosso sentido de estar vivo. Mas podemos melhorar um pouquinho, como fazer um chá suave, para suportarmos essa experiência sem deixar que se instale em nosso organismo. É mais ou menos como ter um contágio assintomático. Então vamos nos relacionar com essa experiência do confinamento temporário como um contágio assintomático. Não precisa ter os sintomas. Os sintomas são uma produção própria. A pessoa vai produzir sintomas de acordo com sua disposição para a vida.

Erik Jennings Simões, médico que trabalha com os Zo'é, um povo indígena de contato recente, estava muito preocupado com o dano que a pandemia poderia causar àquele povo. Conseguiu mantê-los isolados durante o pico do contágio. Feliz, ele me disse que nenhuma pessoa Zo'é adoeceu. Em resposta ao que fizeram para evitar o contágio, os Zo'é disseram: “Fugimos para o interior mais profundo da nossa floresta. Escapamos dos caminhos conhecidos. Fomos para lugares em que não cruzaríamos uns com os outros. Botamos em ação a evitação, que é uma prática cultural nossa.”

Quando nasce uma criança, o pai da criança não pode ver os avós. É uma coisa do sistema cultural deles. O pai da criança tem que ficar fora do circuito, não pode ser visto. Se ele for visto, a criança adocece. Outro exemplo de evitação é o caçador. Quando está com um neném novo, ou quando sua companheira está grávida, não pode ir ao mato caçar animais aleatoriamente. Deve tomar muito cuidado, pois os espíritos dos animais podem caçá-lo e afetar a saúde do bebê e da mãe. Tem toda uma disciplina e uma cultura sobre evitações.

Os Zo'é acionaram um dispositivo terapêutico próprio que não os deixou adoecer. Observando isso do ponto de vista da medicina ocidental, Erik disse que ficou admirado de ver que os Zo'é sabiam o que tinham que evitar, mesmo lá dentro da floresta. Quando perguntou a eles o porquê, eles responderam “porque o espírito dessa doença anda pelo ar”. Eles vêem o espírito dessa doença, como ele anda no ar. Os Zo'é

sabem disso pela cultura deles, pelas práticas sociais deles. Erik ficou espantado ao constatar que os amigos Zo'é, um povo dentro da Floresta, têm uma medicina eficiente para evitar o contágio.

Um poema que uma vez me veio e dei o nome de “Tradição”, diz: “cantando, dançando, passando sobre o fogo, seguimos o rastro dos nossos ancestrais no *continuum* da tradição”. Neste período de privação, estamos passando sobre o fogo. Precisamos ter muito cuidado, prestar atenção, pois, as pessoas que são iniciadas para passar sobre o fogo, quando se distraem, queimam o pé. Tem que estar em um estado de concentração tão profunda, que permite passar em cima do fogo sem saber que se está passando em cima do fogo. Isso existe em muitas das nossas culturas.

Em diferentes períodos deste ano (2020) algumas pessoas sofreram no corpo uma espécie de esmagamento. Mesmo pessoas que não param para responder ao corpo, nem prestam atenção nele, sentiram seus organismos sofrendo. Estamos passando por uma experiência incomum. Ouvei uma pessoa dizendo que queria sua vida de volta. Pensei “quanto sofrimento”. Essa pessoa está querendo a vida dela de volta. É um outro termo para o que chamam de “novo normal”. Há uma ansiedade muito grande nas pessoas querendo escapar do estado de “suspensão”. Não encontrei ainda outro termo que “suspensão” para falar do tempo que vivemos.

Alguém com formação objetiva, voltada para a científica lógica do cotidiano, quando sofre uma ruptura do cotidiano, pode até adoecer. Muitos podem adoecer não pela covid, não pelo contágio, mas porque sentem-se obrigados a parar suas vidas. A rotina é como uma monocultura. Uma monocultura dentro da vida. Ora, em nenhuma situação a monocultura é boa. Nem quando é no interior de si, sozinha, porque ela tira nossa conexão com todos os outros sentidos de estarmos vivos.

São bilhões de pessoas querendo suas vidas de volta. O que será que faziam da vida antes e agora querem de volta?

Algumas raras pessoas, por terem escapado à configuração mental de viver uma monocultura interior de si, que estavam implicadas com outras existências, se alimentando de viver com outras vidas, vidas de árvores, de pássaros, de peixes, de montanhas, atinaram com algo que tem muita semelhança com a alma.

A definição da vida como uma experiência de monocultura, é aquela experiência da vida que isola as outras conexões. É preciso entender que tudo vive: as flores, as nuvens e o vento.

Muita gente não consegue experimentar a situação de estar em casa e fica ansiosa para sair desse casulo para algum lugar. O casulo está desconfortável. Isso nos leva a pensar também sobre que vida estávamos a levar, e sobre que vida queremos levar. Acho muito importante compreender sobre os múltiplos processos de formação da vida. Precisamos nos implicar com a experiência da vida, para além do experimento intelectual, para além do que somos capazes de conhecer a partir da leitura, da literatura e de outras narrativas. Somos provocados a fazer experiências a partir de nós mesmos.

Queria buscar uma imagem para falar sobre essa ideia de futuro, essa perspectiva cartesiana de que o tempo seria uma prospecção, com uma única direção. Identifico essa prospecção com o movimento, que estamos todos metidos globalmente, de sondar o amanhã. No texto *O amanhã não está à venda* ponho em questão nossa angústia de saber o que tem do outro lado, o que é o amanhã.

Nas narrativas, assim como nos estudos científicos, o instante que se deu uma explosão cósmica, não é depois e nem anterior a nada. Chamo esse evento de “Tempo do Mito”, anterior à nossa angústia de saber sobre o amanhã.

A incerteza viva, que já foi tema de Bienal, é uma experiência anterior à angústia da incerteza de saber se vamos ter uma vacina para a pandemia, se vamos despachar naves para Marte, se vamos conseguir colonizar outros planetas. É a mesma fúria. É a mesma angústia. Tenho insistido nisso, porque os outros seres que experimentam a vida junto conosco, não estão sondando o amanhã. Uma experiência totalmente rendida ao sentido de estar vivo, sem garantia nenhuma.

Talvez essa seja uma ideia recorrente dos paraquedas coloridos, dessa possível queda, da qual não precisamos fugir, não precisamos ter medo ou angústia. Estamos fazendo uma experiência poética, diante de um quase susto. Acredito que se conseguirmos nos conectar com o sentido da vida em tudo, viver o dia deixa de ser uma tarefa, e passa a ser uma experiência tão maravilhosa, que na verdade não fica faltando nada.



Tem a ver com a ideia de viver com nada. Viver com nada é diferente de viver sem nada. É o mesmo que o copo meio-cheio ou meio-vazio. Tenho certeza de que todos já ouviram alguma campanha do tipo “Precisamos fazer isso porque eles estão sem nada.” Quando você estiver com nada, a experiência poderá ser diferente.

Viver com nada é a experiência que eu acho desafiadora para esse mundo que já consome o equivalente a um planeta no mês de maio, junho. A pandemia esse ano fez com que o relógio se estendesse até agosto. Voltamos à marca de 15 anos atrás, quando consumíamos meio mundo e meio. Agora, estamos voltando à marca de consumir dois planetas em um ano.

Muitas pessoas que escutam esse comentário sobre consumir dois planetas em um ano veem isso apenas como uma parábola. Mas pensem no Amapá: ficou quase um mês inteiro sem energia elétrica. Roraima também teve uns picos. Estão lá conflitando entre si para ver como vão se virar para continuar botando as máquinas para funcionar.

Consumimos energia em todos os sentidos. Estamos falando da que move as cidades, mas tem a que nos move também. Comer dois planetas por ano, tem a ver com o que estamos pensando sobre viver com nada. Não é desaparecer tudo e a gente ficar sem nada. Mas é viver com nada.

Viver com nada é viver com o que a gente tem hoje. Sem ficar com angústia de buscar o amanhã. São sentidos da disposição para experimentar a incerteza viva.

Tenho comentado que estamos tão confiantes na praga toda que arrastamos até o século XXI, que a tal da inteligência artificial está se sentindo super à vontade. Nossas maquininhas já estão começando a dar comandos para os humanos, tipo “apague ali, ligue aqui, vá para lá, volte aqui”. Estamos sendo introduzidos a uma nova educação: a educação pelas máquinas.

Quando Tatukrak, a montanha do outro lado do rio Doce, em frente ao lugar onde estou agora, aparece com o semblante fechado, nuvens de chuva sobre a montanha, lembra aquele hexagrama do I Ching “montanha sobre o lago”. Quando olhamos a montanha cheia de névoa em cima, com nuvens de chuva, pensamos “fica quieto, não inventa moda hoje”. Se ela está linda, com aqueles desenhos sobre ela, entendemos “nossa, que dia maravilhoso!”. Isso é viver com nada.

A ideia de consumir dois mundos, na verdade não é uma ideia, é uma realidade. A ciência conseguiu chegar a um entendimento da capacidade de produção e sustentação de vida humana.

Até o século XX, a humanidade se expandiu, ocupando todos os continentes, consumindo o suficiente para todo mundo se espalhar, habitar, comer, viver, fazer seus projetos. Até o momento que a conta do consumo de recursos da natureza entrou no vermelho. É um exemplo bem doméstico este. Entramos na dívida, e começamos a comer, até o meio do ano os “recursos” que deveriam estar no planeta para o ano seguinte.

Significa que estamos esgotando as florestas, esgotando os rios. A revolução industrial e toda a experiência moderna foi feita em cima dos combustíveis fósseis. O minério é tirado das montanhas e transformado em lâminas. Todos os materiais que a gente transforma, consomem o organismo que é o planeta.

Uma montanha é transformada em laminados para fabricação de carros e aparelhos, panelas, fogão, geladeira, que não voltam mais a ser uma montanha. É menos uma montanha no organismo da Terra. Os metais e todos os outros materiais que são utilizados não voltam. A ideia de reciclar é reciclar para outro consumo. Não é uma devolução à natureza. Os oceanos estão exaustos de tanto que tiramos deles, além de jogar lixo. Tem fossas no oceano que estão com montanhas de plástico. Quer dizer, estamos desaparecendo com montanhas naturais na superfície, e criando montanhas artificiais na fossa oceânica.

Estamos depredando o planeta e consumindo. Ao mesmo tempo que consumimos energia nova, devolvemos resíduos de energia estragada que são os combustíveis fósseis. Estamos comendo dois planetas por ano. Temos uma medição muito mais rigorosa agora que há um painel do clima. Esse painel do clima faz uma medição e informa boletins quase que semanais. Os cientistas que acompanham a questão do aquecimento global, têm acesso a informações de minuto a minuto do que está acontecendo na biosfera do planeta e ao nosso redor. Estamos mesmo vivendo uma experiência chamada de antropoceno. E o que caracteriza o antropoceno é o rastro que os humanos são capazes de imprimir na Terra. É uma marca muito pesada, um rastro muito pesado, que não somos capazes de apagar, enquanto não mudarmos radicalmente toda a

corrida que fizemos até agora e que nos pôs neste pódio de comedores de planeta.

Às vezes eu falo a palavra planeta e às vezes eu falo mundo, e sempre estou falando de coisas diferentes. O planeta é Gaia, esse organismo que nós estamos literalmente comendo. O mundo é esse complexo de imaginação, visões, perspectivas, toda essa produção de ideias que institui uma humanidade. Nós construímos isso. O mundo é uma criação dos humanos. O planeta não. Ele nos criou, e continua nos mantendo por um tempo. Quando a gente ficar insuportável esse maravilhoso planeta tem dispositivos próprios, tem inteligência, tem capacidade para nos dispensar daqui. Assim como nós estamos combatendo agora um vírus, e a ciência está sendo saudada porque conseguiu centenas de coletivos de cientistas inventando, pesquisando e checando uma vacina, esse organismo, Gaia, ela não precisa fazer uma pesquisa para saber como desaparecer com a gente daqui. Ele é inteligente.

A ideia das cidades deveria ser posta em questão. Porque elas continuam atraindo gente demais, não para. Consomem muita energia. E são aceleradoras do consumo. Quando você viaja, sobe o rio, vai para aldeia, você diminui visivelmente o seu consumo, de tudo. Até de luz elétrica, porque lá não tem. Você saía fora desse sorvedouro de energia. De roupa, de comida, de remédio, de equipamento, de tudo quanto é tralha, de tudo que é produzido, da “mercadoria” como diz o Kopenawa Yanomami. Temos que escapar desse mundo de mercadoria, mas a cidade é um acelerador do mundo da mercadoria. Se a gente continuar a estimular as pessoas a viverem em capitais como Paris, Londres, Nova Iorque, Rio de Janeiro ou São Paulo, temos também que chamar arquitetos e engenheiros para conversar no Selvagem.

Sinto que muita gente que já está há gerações nas grandes cidades, quando consegue se conectar com a nossa conversa, se conecta em um lugar de consumidor de conteúdo. De alguém que é solidário com a causa, que quer aprender sobre isso, mas não sente que pode fazer alguma coisa sobre isso.

As cidades são uma espécie de hematoma no organismo de Gaia e devem ser colocadas em questão. São buracos escuros do nosso planeta. Mas o iluminismo, o positivismo, nos fizeram pensar a cidade como

lugares resplandecentes, fantásticos. Só que não podemos nos esquecer que essa é a história recente das cidades, elas não nasceram com eletricidade.

Quando pensamos em pólis como Jerusalém, Machu Picchu, Istambul ou Tenochtitlán no passado, elas não eram uma doença. Passaram a ser uma doença quando exageramos. Agora, estou fustigando arquitetos e engenheiros perguntando “O que é que vocês estão fazendo diante de tudo isso? Vocês têm uma responsabilidade muito visível. Vocês dão a base científica para levantar essas torres, esses arranhas-céus e essas estruturas pesadíssimas de concreto e ferro.” Estou pegando no pé deles para pensarem em outros modelos de assentamento que não esse de concreto, ferro, cimento, que matam os rios e antecipam a estética do cemitério. Não estou falando que devemos destruir as cidades. Mas devemos transformar as cidades, transformarmos a cidade em um jardim, enchemos ela de coisas vivas.



*Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector. Rocco, 1998.

*Metamorfoses*, de Emanuele Coccia. Dantes, 2020.

O HOMEM; AS VIAGENS, de Carlos Drummond de Andrade.

In: *As Impurezas do Branco*. Companhia das Letras, 2012.

O homem, bicho da Terra tão pequeno  
 chateia-se na Terra  
 lugar de muita miséria e pouca diversão,  
 faz um foguete, uma cápsula, um módulo  
 toca para a Lua  
 desce cauteloso na Lua  
 pisa na Lua  
 planta bandeirola na Lua  
 experimenta a Lua  
 coloniza a Lua  
 civiliza a Lua  
 humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.  
 O homem chateia-se na Lua.  
 Vamos para Marte — ordena a suas máquinas.  
 Elas obedecem, o homem desce em Marte  
 pisa em Marte  
 experimenta  
 coloniza  
 civiliza  
 humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.  
 Vamos a outra parte?  
 Claro — diz o engenho  
 sofisticado e dócil.  
 Vamos a Vênus.  
 O homem põe o pé em Vênus,  
 vê o visto — é isto?  
 idem  
 idem  
 idem.

O homem funde a cuca se não for a Júpiter  
 proclamar justiça junto com injustiça  
 repetir a fossa

repetir o inquieto  
repetitório.

Outros planetas restam para outras colônias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para tever?  
Não-vê que ele inventa  
roupa insiderável de viver no Sol.  
Põe o pé e:  
mas que chato é o Sol, falso touro  
espanhol domado.

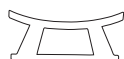
Restam outros sistemas fora  
do solar a colonizar.  
Ao acabarem todos  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilima dangerousíssima viagem  
de si a si mesmo:  
pôr o pé no chão  
do seu coração  
experimentar  
colonizar  
civilizar  
humanizar  
o homem  
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas  
a perene, insuspeitada alegria  
de con-viver.

*As Portas da Percepção e Céu e Inferno*, de Aldous Huxley. Biblioteca Azul, 2015.

*A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert  
Companhia das Letras, 2015 .

*Maracatu Atômico*, canção de Nelson Jacobina e Jorge Mautner composta em 1974.

*Kumus*: como são chamados os benzedores por vários povos indígenas rio-negrinos.



*Kumurô*: banco cerimonial dos kumus.

## CITAÇÕES PASSANDO SOBRE O FOGO

TRADIÇÕES, de Ailton Krenak.

In: *Poesia indígena hoje*. Revista Poesia, n.1, 2020.

Cantando, dançando,  
Passando sobre o fogo  
Seguimos os rastros de nossos ancestrais  
No continuum  
da tradição

★

O meu pai  
que é o fogo  
ele queima sem cessar  
O que meu pai  
que é o fogo  
ele queima sem cessar

Ele queima, queima queima  
queima, sem cessar  
Ele queima o que já foi  
Ele queima o que será  
ele queima, queima, queima  
queima sem cessar”.

*A vida não é útil*, de Ailton Krenak. Companhia das Letras, 2020.

*Incerteza Viva*, título da 32ª Bienal de São Paulo, em 2016, com curadoria de Jochen Volz, Gabi Ngcobo, Júlia Rebouças e Lars Bang Larsen.

*I Ching, O Livro das Mutações*. Texto clássico da sabedoria chinesa de tradição oracular, originado no período anterior a dinastia Chou (1150– 250 ac).

☰ ☷ KÊN / A Quietude (Montanha)  
☰ ☷

Os dois textos de *A Vida é Selvagem* foram elaborados a partir das conversas *online* de Ailton Krenak e Anna Dantes nos dias 19 de novembro e 3 de dezembro de 2020.

A transcrição e coedição dos textos são de Victoria Mouawad. As conversas são acessíveis via [selvagemciclo.com.br](http://selvagemciclo.com.br).

## AGRADECIMENTOS

Instituto Clima e Sociedade  
Conservação Internacional Brasil